

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir

CADERNOS QUE CONTAM HISTÓRIAS: ASPECTOS DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO REVELADOS ATRAVÉS DE DITADOS ESCOLARES (1943-2008)

BARUM, Sylvia¹

1. Acadêmica do curso de Pedagogia FaE/UFPeI
Bolsista PIBIC/CNPq
sylvinhab@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo é realizado no âmbito de um projeto mais amplo, desenvolvido na Faculdade de Educação da UFPeI, e de um grupo de pesquisa (CNPq) que levam o mesmo nome: HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), coordenado pela Prof^a. Dr^a. Eliane Peres. Nesse projeto temos feito um esforço para constituir acervos que revelam aspectos da história da alfabetização no Rio Grande do Sul. Já dispomos, entre outros, de uma centena de cartilhas escolares (PERES, 2006), de planejamentos manuscritos de professoras (diários de classe), de exercícios escolares, de cartazes e outros materiais didáticos de alfabetização, além de cadernos de alunos. É a partir desse acervo que este trabalho é proposto.

Temos atualmente um conjunto de 78 cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização, sendo esses pertencentes ao período compreendido entre os anos de 1943 e 2008, em sua maioria da cidade de Pelotas. Para esta comunicação é estabelecido como foco o estudo dos ditados escolares presentes nesses cadernos e sua relação com os métodos de alfabetização. Trata-se, portanto, de uma contribuição para a história da alfabetização.

METODOLOGIA

A metodologia de investigação consiste na localização de ditados nos cadernos do acervo, sua posterior digitalização para constituir uma base de dados e estabelecimento de questões para problematização. O material disponível até o momento é o seguinte:

Tabela 1
Acervo de cadernos e ditados por décadas

DÉCADAS	Nº DE CADERNOS	Nº DE DITADOS
1940	1	1
1950	1	0
1960	1	4

1970	7	34
1980	7	130
1990	11	143
2000	50	297
TOTAL	78	609

Após esse mapeamento iniciamos, então, a análise desses ditados. Aqui nosso objetivo primeiro é tentar mostrar a relação dessa atividade secular da escola – o ditado - com os métodos de alfabetização utilizados.

DISCUSSÃO

Cadernos escolares contam histórias. Revelam exercícios, textos, desenhos, bilhetes, enfim, marcas da escola, do professor, do aluno, dos conteúdos de um determinado período histórico.

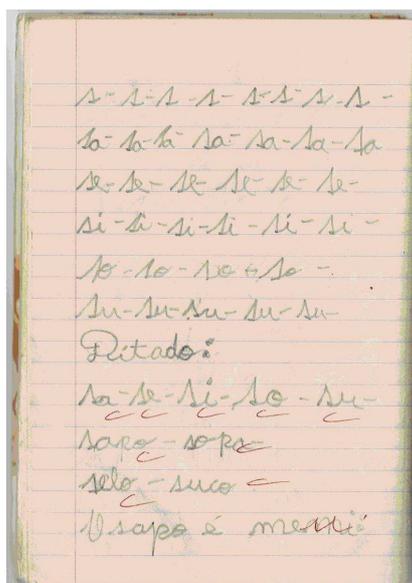
O uso dos cadernos escolares ganha espaço na França do início do século XIX, momento em que esse suporte, pelo custo que tinha na época, era apenas utilizado após diversas correções dos alunos, sendo motivo de “orgulho” e visibilidade dos alunos e de seus trabalhos escolares. Como afirma Chartier (2007), “quando o professor entregava ao aluno a sua produção, realizada em folha solta, o aluno recopiava, cuidadosamente, a correção em latim num caderno.” (2007, p. 48).

Os ditados escolares, de igual importância na escola, representam uma atividade que “ultrapassa as barreiras do tempo”, estando presente nos cadernos do acervo e assumindo a característica de dispositivo de controle, no qual é possível o professor avaliar o que e como o aluno já consegue escrever.

Ao longo das seis décadas dos cadernos (1943-2008), o ditado aparece sob diferentes formas e nomenclaturas, e com diferentes tipos de correções. Aparece apenas como “ditado”, no qual o aluno provavelmente escreve a palavra ditada oralmente pela professora; como “auto-ditado”, devendo identificar a figura colada em seu caderno e escrever a palavra correspondente; na forma de “ditado de frases”, quando é ditada a sentença inteira; como “ditado mudo”, provavelmente a partir da visualização de imagens, gravuras, figuras.

O aspecto que mais chama a atenção ao se analisar a presença de ditados nos cadernos de alfabetização é justamente aquilo que Chartier (2007) destaca, ou seja, o quanto o ditado manifesta uma certa concepção da cultura escrita, mas especificamente uma concepção de ensino da leitura e da escrita. Para isso tomamos alguns exemplos.

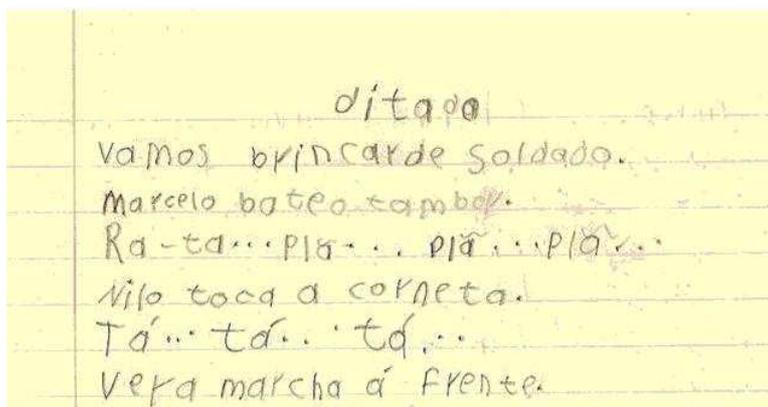
A grande maioria dos ditados é de palavras isoladas, em grande parte de sílabas e palavras estudadas no dia ou na semana. A análise dos cadernos aponta para a predominância do uso do “método silábico” de alfabetização. Ao final de cada lição há, portanto, o ditado referente à “família silábica” em questão, indicando a relação entre a perspectiva de alfabetização e a realização dessa atividade, como se pode ver no caso abaixo, no caderno de um aluno de uma escola pública municipal de Pelotas, de 1991.



Caderno 1991,

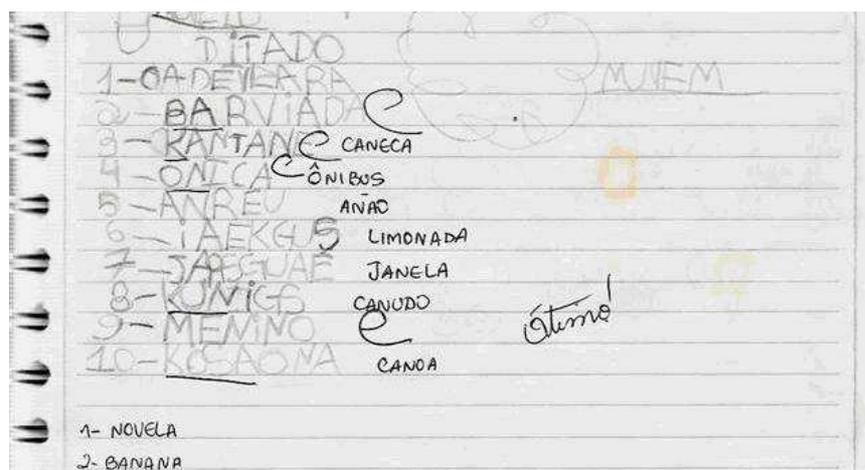
acervo HISALES.

No caso do caderno de 1960, de um menino, morador do interior do estado do RS, o ditado é de frases, uma vez que ele foi alfabetizado pelo método global. Os anos 50 no Rio Grande do Sul marcam a emergência da utilização do método global, conforme mostramos em outros trabalhos (PERES & CEZAR, 2003; PERES & PORTO, 2004). Há, portanto, uma relação entre o método de alfabetização adotado e a forma de fazer o ditado:



Caderno 1960, acervo HISALES

Os cadernos dos anos 2000 indicam uma predominância da tendência construtivista de alfabetização (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985), momento em que não mais o método está em foco, mas o sujeito cognoscente que constrói hipóteses sobre a escrita. Assim, interessa, em um primeiro momento, como a criança escreve e não necessariamente a grafia correta das palavras. Tomamos um caderno do ano de 2007, de uma menina, aluna de uma escola pública da cidade de Pelotas, para exemplificar isso:



Caderno 2007, acervo HISALES

Esse estudo, em fase inicial, revela grande potencialidade para a compreensão das formas historicamente instituídas de inserção das crianças na cultura escrita. Os cadernos do acervo indicam que houve significativas mudanças desse suporte, tanto do ponto de vista da materialidade do objeto (tamanho, capa, gravuras, etc), quanto da proposta pedagógica de alfabetização. Do método global ao “método silábico”, à perspectiva construtivista, esses objetos registram a própria história dos “métodos” de alfabetização no Brasil e estão expressos na forma de realizar o ditado em sala de aula.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Especificamente em relação ao ditado, atividade que se mantém ao longo do período de abrangência dos cadernos (1943-2008), há uma estreita relação entre os métodos ou perspectivas de alfabetização e a forma de realização do mesmo. Se o método de ensino da leitura e escrita utilizado pela professora for o silábico, o ditado manifestará essa tendência fazendo com que o aluno reproduza “família silábicas” ou palavras, em sua maioria, de padrão simples, ou seja, consoante + vogal (CV). Em caso do método global de contos, em que a historieta ou um conto estão na base do processo de ensino, então no ditado, via de regra, a criança deverá reproduzir sentenças. Essa é uma tendência observada nos cadernos até o final dos anos 90, momento em que o construtivismo ganha espaço. Com essa tendência em voga no Brasil, os cadernos do acervo dos anos 2000 indicam para uma mudança no sentido do ditado: serve menos para a avaliação ortográfica e mais para a identificação dos níveis de compreensão da língua escrita, na perspectiva dos estudos da psicogênese da alfabetização (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985).

Referências

CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PERES, Eliane & PORTO, Gilceane. A produção e a circulação de cartilhas do Método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). In: LEAHY-DIOS, Cyana (org). *Espaços e Tempos de Educação* (Ensaio). C.L. Edições. Brazilian Studies Associations (BRASA), Núcleo de Trabalhos e Estudos em Educação, 2004.

PERES, Eliane. Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa *Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação*. In: FRADE, Isabel C.S. & MACIEL, Francisca I.P. *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT, Séculos XIX e XX)*. Belo Horizonte: CEALE, FAPEMIG, CNPq, 2006.